

218
melhor ser escrito para a arte
IB: 17-05-93

Implacável máquina de arte

JB → 17-05-93

Exposição no CCBB reúne a obra à flor da tela de Ivan Serpa

MARÍLIA MARTINS

MAGRO, quase esquelético, sempre curvado, muito vermelho, nervoso. Assim era o carioca Ivan Serpa (1923-1973), o genial desafiante das vanguardas petrificadas, morto com um sopro no coração aos 50 anos. Magras e esqueléticas eram também as linhas de suas telas abstratas e geométricas dos anos 50, ou as figuras que transitaram por suas telas, no horror de 1964, na "fase negra" de sua pintura, de um atordoante expressionismo. Como eram magras e esqueléticas as linhas nervosas que compuseram a série *Op-erótica*, terminal, do começo dos anos 70. Ivan Serpa era assim: puro feixe de nervos, arte cujas entranhas, construtivas e laboriosas, se exibiam à flor da tela. Seu perfil de experimentador bulímico, paira na ampla retrospectiva de sua obra, que se abre amanhã, às 19h, no Centro Cultural Banco do Brasil.

Do catálogo constam 163 trabalhos, entre desenhos, pinturas, serigrafias e intervenções sobre impressos. Na mostra, porém, só entram 150, por problemas de espaço. "A seleção começa no trabalho mais antigo, uma paisagem de 1947 e vai até seus últimos, da fase geomântica, feitos dias antes de sua morte", diz o curador Reynaldo Roels. A mostra exhibe, portanto, de corpo inteiro uma das mais impressionantes trajetórias das artes plásticas brasileiras nos últimos 50 anos. Ivan Serpa era uma implacável máquina de fazer arte.

Foi um dos pioneiros do abstracionismo geométrico nos anos 50, líder do grupo carioca Frente (em parceria com Hélio Oiticica, Lygia Pape, Lígia Clark, Aloísio Carvão, Décio Vieira, Weissmann) e mediou forças com o abstracionismo paulista do grupo Ruptura (de Waldemar Cordeiro). Quando a arte concreta dos paulistas do Ruptura se transformou numa camisa de força (com rígidos princípios formais, como o bidimensionalismo, atonalismo, uso restrito às cores primárias e complementares), o Frente abriria uma dissidência, em fins dos 50, dando um salto para o neoconcretismo. Nos anos 60, Serpa circulou entre o informal e o figurativo. Foi geográfico nos trabalhos com manchas no começo dos 60, neoexpressionista nas figuras monstruosas da fase negra de 1964, neo-objetivo em 1965. Foi informal (nos desenhos-miniaturas em papel ou na matéria corroída, como se comida

por cupins, na série *Vivificações*, de 1961 e 62. Compôs séries famosas com a dos *Bichos* (de 1963), *Amazônica* e *Op-erótica* (ambas de 1968 e 69), *Manguieira* (de 1970) até às grandes pinturas geomânticas (em que Serpa tentava compor uma geografia mística) de 1972 e 73, sua última fase.

Serpa passou pelas vanguardas sem se deixar aprisionar, andarilho inquieto, irrecoverável. "À primeira vista, parece um artista sem estilo", comenta Roels, "mas se pensarmos assim, Pablo Picasso também foi um artista sem estilo porque passou por todos eles sem se deixar rotular". Antidogmático por natureza, o feixe de nervos chamado Ivan Serpa era sobretudo um demolidor da noção de estilo. Diante da obra de Serpa percebe-se o quanto a noção de estilo é insuficiente para se compreender a visualidade moderna brasileira. Distante do realismo social de Portinari e Di Cavalcanti, sem qualquer sotaque nacional-popular, Serpa embarcou num abstracionismo metaplástico que abolia fronteiras e populismos.

Entre os destaques desta retrospectiva espetacular, está a tela *Formas*, que prova que Serpa já era um abstrato geométrico em 1951, antes da chegada ao Brasil de Max Bill e da abertura da 1ª Bienal de São Paulo. "Isso desmente a lenda de que Serpa e os primeiros abstratos brasileiros imitaram os artistas estrangeiros da 1ª Bienal, em especial Max Bill", diz Roels. Há, porém, uma ausência importante na mostra, que abre um rastro de polêmica entre Rio e São Paulo: o Museu de Arte Contemporânea se recusou a emprestar a tela com que Serpa arrebatou o prêmio de melhor pintor jovem da 1ª Bienal de São Paulo, a não ser que se pagasse um aluguel de US\$ 3 mil pelo período de dois meses da mostra. Resultado: o patrocínio não deu para trazer a tela, só para a reprodução no catálogo. Pagou-se US\$ 300 para reproduzi-la.

A maioria dos trabalhos expostos pertence à coleção particular de Lygia Serpa, viúva de Ivan. "Ele era um obcecado com o trabalho, que se matou de tanto trabalhar, por ter um compromisso permanente com a experimentação de novas formas, temas, materiais", recorda Lygia, que organiza um livro sobre o marido. O homem esquelético e nervoso, que marcou pelo menos duas gerações de artistas plásticos, volta à cena, 20 anos depois de sua morte e 70 de seu nascimento, como o mais inquieto e marginal dos nossos artistas modernos. Mais do que isto, Serpa é hoje o verdadeiro marco inaugural da arte moderna brasileira. Um marco que, ao contrário dos modernistas de 22, resiste ao petrificado cortejo cívico dos necrológios institucionais.



Ivan Serpa: artista em estado de tensão



Op-erótica (alto) e Fase negra: imagens múltiplas da criação de Serpa

Para o mestre, com respeito

Ivan Serpa não gostava de comentar seu trabalho como professor. Mas foi por mais de dez anos um incansável formador de novas gerações de artistas, nos cursos do Museu de Arte Moderna, nos anos 60 e começo dos 70. Foram mais de dez anos, que renderam lembranças para nomes tão diferentes quanto os artistas plásticos Waltércio Caldas e Antonio Manuel, o encenador Gerald Thomas, a marchand Márcia Barroso do Amaral, todos ex-alunos. "Ele foi uma das pessoas mais importantes da minha vida", testemunha Gerald. "Era um professor nervoso, muito exigente, que não tinha dó nem piedade." Thomas começou a frequentar as aulas de Serpa com dez anos: "Eu desenhava compulsivamente e levava os desenhos de casa. Eu me lembro que quando ele não gostava, ficava irado e rasgava os desenhos na frente de toda a turma. Serpa me ensinou a ser altamente rigoroso com meu trabalho".

A mesma admiração permeia o depoimento de Waltércio Caldas. "Ele era extremamente bem informado, e fazia críticas aos trabalhos que até hoje são fundamentais para mim", lembra Waltércio, aluno de Serpa no MAM em 1966 e 67. "Admiro sua fase geográfica, abstrata, a fase das

Bruno Veiga



Gerald aprendeu a ter rigor e Pape fala do carisma de Ivan

manchas, do começo dos anos 60, como a que mais me marcou." Outro que tem muitas lembranças é Antonio Manuel: "Eu não fui aluno do Serpa no MAM, mas sempre visitava seu ateliê e aprendi muito nesses fins de semana." O professor Serpa impressionou também seus colegas nas oficinas do museu. "Eu era professor na mesma época e me lembro que os alunos sempre ficavam marcados pelas críticas de Serpa", diz Roberto Magalhães. "Tinha uma personalidade extremamente carismática", comenta Lygia Pape, companheira do grupo Frente dos anos 50, "e tanta paixão pelo que fazia que até no curso infantil era muito rigoroso, exigindo uma limpeza de cor e de formas difíceis de atingir".